

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADES DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES
CURSO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Sonia Frantz Canilha

**FATORES QUE CIRCUNDAM A EDUCAÇÃO SEXUAL DE
JOVENS SURDOS**

**BRASÍLIA
2021**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADES DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES
CURSO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Sonia Frantz Canilha

FATORES QUE CIRCUNDAM A EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS SURDOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.
Orientador: Prof. Mestre Anderson Tavares Correia-Silva

BRASÍLIA
2021

RESUMO

A educação sexual é inerente à vida e à saúde, é com ela que se desenvolvem os conhecimentos formais necessários e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. O objetivo deste trabalho é compreender como se dão os processos de educação sexual e afetiva de sujeitos surdos, considerando as barreiras na comunicação que lhe são habituais. Para alcançar os objetivos foi utilizado o método de revisão bibliográfica. A revisão foi realizada a partir de uma pesquisa por Teses e Dissertações correlacionando as palavras educação sexual, sexualidade, surdez e libras, na plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ou CAPES. A partir desta pesquisa foram selecionadas seis Dissertações de Mestrado e três Teses de Doutorado para leitura e discussão. Após a análise, foram criadas cinco categorias de influência sobre a educação sexual do sujeito surdo: escola, família e religião, amigos, comunidade surda e mídia. Considerando estes fatores, percebe-se um agravamento da desinformação sobre o assunto causado pela falta do uso de Libras em todo o processo de desenvolvimento do sujeito surdo. Assim, além de categorizar os fatores passíveis de influenciar no desenvolvimento da sexualidade do surdo, pode-se concluir a necessidade de fazer o uso de Libras durante todo o processo de aprendizado do sujeito surdo, pois é desta forma que ele desenvolve significados e conhece o mundo.

Palavras chave: Educação, Educação Sexual, Surdez, Surdo, Sexualidade, Libras.

ABSTRACT

Sex education is inherent to life and health, it's with it that formal medical knowledge and the appreciation of sexual and reproductive rights are developed. The objective of this work is to understand how the processes of sexual and affective education of deaf people take place, considering the usual barriers in communication. To achieve this objective, we used the literature review method. A review was carried out from a search for Theses and Dissertations correlating the words sex education, sexuality, deafness and Libras, in the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, or CAPES platform. From this research, six Master's Dissertations and three Doctoral Theses were selected for reading and discussion. After the analysis, five categories of influence on the deaf person's sexual education were selected: school, family and religion, friends, deaf community and media. Considering these factors, it's possible to notice that there's an aggravation of misinformation on the subject, caused by the lack of use of Libras throughout the development process of the deaf person. Thus, in addition to categorizing the factors likely to influence the development of the deaf's sexuality, the use of Libras may be required throughout the deaf subject's learning process, as this is how he forms meanings and gets to know the world.

Key words: Education, Sexual Education, Deafness, Deaf, Sexuality, Libras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	9
MATERIAIS E MÉTODOS	9
RESULTADOS	11
DISCUSSÃO	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

Uma das mudanças significativas que a sociedade sofreu ao longo dos anos é a maneira como os jovens passaram a ver e expressar a sua sexualidade. Porém, esta não foi acompanhada de uma educação adequada, que auxiliasse a juventude nesse descobrimento. Assim, eles acabam iniciando a vida sexual de forma despreparada, dependendo comumente de conversas com amigos e de informações providas pela internet. Os adultos que estão à sua volta, seja na escola ou dentro de casa, vieram de uma educação que valorizava sua “inocência”, os mantendo desinformados e reprimidos (VITIELLO, 2020).

Além disso, durante uma longa parte da nossa história ocorreu um negativismo do prazer sexual, no qual o sexo se justificava apenas para a reprodução, sendo visto como algo ruim. Esta visão começa a se desmistificar durante a época do Iluminismo, quando o homem para de ser visto como guiado pelo instinto e passa a ser visto como alguém capaz de conter-se. Esta ruptura deu base para a ideia de sexualidade futura, concepção que, ao longo dos anos, sofreu muitas modificações (SALLES, 2010).

Com as mudanças econômicas, sociais e estruturais que trouxeram esta nova forma de se expressar a sexualidade, a época em que estamos é muitas vezes vista como uma época de crise de valores morais e éticos (VITIELLO, 2020). Hoje, o apelo à sexualidade está muito mais forte e aparente em todas as esferas sociais, e com ela surge a busca por uma educação sexual adequada. Porém, falar sobre sexualidade e educação sexual é sempre polêmico, principalmente por não envolver somente uma questão técnica, mas também social, estrutural e histórica (NUNES, 2003).

O meio informal possui um grande impacto na construção da sexualidade do ser. Uma dessas práticas informais é a mídia, sendo que, hoje em dia ela possui um papel muito forte no desenvolvimento desse conhecimento, porém isto não é necessariamente algo bom, pois esta muitas vezes privilegia discursos apelativos ao invés de educativos (SETTON, 2002; QUIRINO e ROCHA, 2012). Nela, os jovens satisfazem seus questionamentos sobre o assunto, porém tais respostas podem vir de forma enviesada e com aspectos excludentes e preconceituosos (DINIS, 2008).

É importante compreender que de acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), os temas relacionados à reprodução e sexualidade humana são trabalhados nos anos finais do ensino fundamental, pois encontra afinidade com as

disciplinas escolares de ciências devido à presença de conteúdos como: corpo humano, sistema genital, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Ainda de acordo com a BNCC, ao abordar estes temas, que constam na Unidade Temática de Vida e Evolução do 8º ano, não se deve manter uma discussão apenas e biológica, mas também sociocultural, afetiva e ética (BRASIL, 2018).

Porém o que se vê é que a educação sexual prestada pela escola, no geral, se limita a falar sobre o assunto com poucas aulas, ou palestras, abordando fatores de preocupação: gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), ou se resume à aulas sobre a biologia dos indivíduos, deixando o resto ao senso comum (MOREIRA *et. al.*, 2020). Essa superficialidade se deve muitas vezes às próprias crenças dos professores, à falta de preparação destes ou até mesmo às pressões que as escolas sofrem dos pais, que com frequência acham a abordagem destes assuntos inadequada (CASTRO; ABRAMOVAY; DA SILVA, 2014).

Porém a situação não se complica apenas pela questão dos professores e pais: os próprios alunos podem possuir dificuldade em aprender sobre o assunto. Por ser uma temática, de certa forma, extremamente íntima, muitos estudantes possuem o receio de passar por situações vexatórias ao questionar algo, o que pode impedir que tirem suas dúvidas (NOVAK, 2013).

Se a educação sexual voltada para crianças sem deficiência já é defasada, a problemática pode se mostrar ainda maior quando os alunos em questão são surdos, pois para estes, o próprio aprendizado já possui a barreira de o professor o considerar incompetente e acabar desenvolvendo uma visão reducionista sobre seu aprendizado (GUARINELLO *et.al.*, 2006).

A educação dos surdos sofre historicamente de um déficit, considerando que por muito tempo tais sujeitos estiveram à margem da sociedade e limitados por uma visão médica assistencialista. Mesmo com o desenvolvimento das ciências e de novos conhecimentos sobre a educação de pessoas surdas, ainda se teve uma disputa histórica entre os defensores da oralização e os que defendiam a língua de sinais (OLIVEIRA, 2005).

A escolarização destes teve início perto do final do século XIX, em instituições voltadas para uma prática assistencialista. O início da inclusão no Brasil aconteceu por volta da década de 90, quando começaram a surgir ideias em Congressos sobre escolas inclusivas e uma educação capaz de abranger mais alunos. Porém, desde

então, mesmo com o suporte legal, a realidade vivenciada por esta parcela da população é outra: os alunos com necessidades especiais que possuem acesso à escolarização não recebem uma educação apropriada (GUARINELLO *et.al.*, 2006).

A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, se destina a “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Parte importante deste processo de inclusão social é a educação inclusiva. Esta possui em sua essência o ideal de que não é o deficiente que necessita se adaptar à sociedade, mas sim a sociedade se adaptar à ele, o incluir, lhe promover a acessibilidade ao espaço como um todo (FIGUEIRA, 2017), reduzindo as barreiras criadas por ela mesma.

Porém, como (OLIVEIRA, 2005) mostra:

“Como a inclusão educacional é um política recente, encontra-se em sala de aula surdos que não tiveram acesso à estimulação adequada, nem a escolas especializadas, pessoas que estudaram em escola regular sem o apoio necessário, onde a Língua de Sinais e a cultura surda eram desconhecidas. Esses fatos acarretam dificuldades no aprendizado, visto que muitas informações são perdidas quando “não se fala a mesma língua” que o professor e falta intérprete. No entanto, observam-se surdos com capacidade de argumentar sobre qualquer assunto, desde que tenham acesso à Língua de Sinais.”

Além disso, como (GONÇALVES e FESTA, 2013) mostram em seu trabalho, muitas das barreiras são causadas pela falta de um desenvolvimento metodológico adequado à presença do aluno surdo na sala de aula. Sendo que estas resultam em desde uma dificuldade de aprendizado em até mesmo uma exclusão do aluno, o contrário que a ideia de uma educação inclusiva traz.

Assim, o uso da Língua de Sinais - não apenas pelo intérprete - se mostra de extrema importância, pois ela não apenas é a maneira pela qual o sujeito surdo vai desenvolver significados, mas também é nela que ele encontra sua cultura e identidade (DIZEU e CAPORALI, 2005).

As pessoas surdas foram e são muitas vezes reduzidas à sua condição, vistas apenas como deficientes, necessitados de cura (GUARINELLO *et.al.*, 2006), assim, são frequentemente ignoradas como seres sexuais, passíveis de desejos (FIGUEIREDO, 2016); e quando isto não ocorre, sua sexualidade é reduzida a um padrão biológico e restrito (RIBEIRO, 2011). Isso causa uma falta de discussão e

compreensão sobre os assuntos que circundam questões como sexualidade e a própria educação sexual em si.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Compreender como se dão os processos de educação sexual e afetiva de sujeitos surdos, considerando as barreiras na comunicação que lhe são habituais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a importância de uma comunicação acessível na educação sexual de pessoas surdas, e as consequências das barreiras comunicacionais nestes processos;
- Entender as diferentes influências de instituições e dinâmicas sociais e educativas na educação sexual e afetiva de pessoas surdas.

MATERIAIS E MÉTODOS

De acordo com GIL (2018) esta é uma pesquisa aplicada, que pretende desenvolver conhecimentos para auxiliar na sua aplicação futura; de propósito exploratório, visando aumentar a familiaridade com o tema e torná-lo mais explícito; que será realizada em uma abordagem qualitativa na forma de uma revisão bibliográfica sobre o tema.

Kinechtel (2014) cita que:

“A elaboração de uma pesquisa bibliográfica visa à construção do conhecimento e tem a leitura como requisito. Essa pesquisa fornece fundamentos analíticos para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.”

O autor ainda discorre sobre como a pesquisa bibliográfica coloca o pesquisador em contato direto com o assunto, utilizando dos escritos para gerar uma linha de debate entre os autores.

Esta Revisão Bibliográfica foi realizada a partir da pesquisa de Teses e Dissertações de Mestrado e Doutorado na Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). As palavras descritoras utilizadas foram: surdez,

educação sexual, sexualidade, libras. Os critérios de inclusão foram: Teses ou Dissertações publicadas em português, a partir de 2005, que estejam relacionadas e auxiliem a responder à pergunta de pesquisa. Os critérios de exclusão foram: estudos não relacionados com o tema, trabalhos que abordam outros tipos de deficiência exclusivamente e que fossem repetidos.

A pesquisa inicial se deu a partir da leitura dos títulos dos trabalhos. Na primeira pesquisa na base de dados da CAPES foram utilizados os termos surdez, educação sexual, sexualidade, libras. Nisto, apenas 2 trabalhos foram encontrados, com ambos se encaixando nos critérios de inclusão. Levando isso em consideração, e procurando expandir a amostra, o termo libras foi retirado, sendo mantidos os critérios para refinar, então encontrados apenas 2 trabalhos, sendo que 1 era repetido da última pesquisa e o outro se encaixava nos critérios de inclusão. Buscando novamente ampliar a amostragem, foram pesquisados os termos surdez e educação sexual, com isso apenas 3 trabalhos foram encontrados, com 2 repetidos das últimas pesquisas e 1 deles se encaixando nos critérios de inclusão. Então, foram pesquisados os termos surdez e sexualidade, sendo encontrados 16 trabalhos, porém apenas 7 deles se encaixavam nos critérios. Procurando mais trabalhos, foi realizada uma pesquisa com os termos educação sexual e libras, com o resultado de 3 trabalhos, com 2 sendo repetidos de pesquisas anteriores e 1 se encaixando nos critérios. Para aumentar a amostragem, todas as pesquisas foram repetidas, porém trocando o termo surdez por surdo.

Após este primeiro momento, os artigos selecionados passaram por outro filtro, sendo que neste momento ocorreu a leitura de seus resumos, para observar se eles cumpriam definitivamente os critérios de inclusão, se relacionando com o tema.

Todas as pesquisas, resultados e número de teses e dissertações selecionados se encontram na Tabela 1.

Tabela 1 – Pesquisas, resultados e números de projetos selecionados

Termos	Encontrados	Selecionados	Utilizados
surdez AND “educação sexual” AND sexualidade AND libras	1	1	1
surdez AND “educação sexual” AND sexualidade	2	1	1
surdez AND “educação sexual”	3	1	1

surdez AND sexualidade	16	7	3
“educação sexual” AND libras	3	1	1
sexualidade AND surdo	12	3	2
"educação sexual" AND surdo	3	0	0
surdo AND “educação sexual” AND sexualidade	2	0	0
surdo AND “educação sexual” AND sexualidade AND libras	1	0	0
TOTAL	43	14	9

Fonte: Produzida pelo autor.

RESULTADOS

A partir da pesquisa e escolha de teses e dissertações, foi possível delimitar um total de 9 projetos a serem estudados, sendo 6 deles Dissertações de Mestrado e 3 deles Teses de Doutorado:

Beche (2005) em “A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade” busca, a partir de uma pesquisa de história oral de vida, dividida em dois momentos: conversa informal e entrevista semi-estruturada, como ocorreu a formação da identidade sexual de Adão e Eva (nomes fictícios).

Bento (2005) em “Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDs para o Surdo através da Pesquisa-Ação”, a partir da pesquisa qualitativa de metodologia de pesquisa-ação, procura evidenciar os problemas vivenciados por nove alunos surdos da Classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre a sexualidade e IST/AIDs e criar a partir disto, possibilidades de ações educativas.

Campos (2015) em “Concepção da Sexualidade de Estudantes Surdos Usuários de Libras em uma Escola Polo” objetiva investigar, a partir de observação e rodas de conversa, como alunos surdos de uma escola estadual polo, localizada no interior do Estado de São Paulo, desenvolvem sua sexualidade.

Guimarães (2019) em “Representações Sociais sobre a Sexualidade: Um Estudo com Discentes Surdos” buscar investigar, a partir de suas revisões sistemáticas (sobre as representações sociais e a surdez e sobre a sexualidade e a surdez) e amostragem de 10 alunos surdos, quais são as representações sociais que tais alunos possuem sobre a sexualidade.

Mallman (2009) em “(Re)Pensando O Uso De Mapas Conceituais: Um Estudo De Caso Com Libras E Signwriting Na Educação Sexual” desenvolve um estudo de caso objetivando investigar como mapas conceituais podem auxiliar na Educação Sexual de 6 alunos surdos da 7ª de uma Escola Estadual Especial Padre Reis, da cidade de Esteio no Estado do Rio Grande do Sul.

Muller (2017) em “Surdez, Gênero E Sexualidade: Um Estudo Sobre O Imaginário Social Em Uma Escola De Ensino Fundamental Bilíngue No Sul Do Brasil” objetiva, a partir de uma pesquisa híbrida quali-quantitativa (primeira fase com estudo de caso a partir de entrevistas e segunda fase por análise estatística de questionários), investigar o imaginário social e as concepções em relação as pessoas à surdez, gênero, e à sexualidade dos docentes, em uma Escola Bilíngue.

Ribeiro (2011) em “SEXUALIDADE E GÊNERO: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial em São Paulo”, procura a partir de observações, entrevistas e discussões compreender como se desenvolveu a sexualidade de dez jovens surdas de 12 a 17 anos, e qual o papel desempenhado pela família e escola nesse processo.

Salla (2020) em “Um estudo de Teses e Dissertações sobre a Educação Sexual da Pessoa com Surdez” realiza uma revisão bibliográfica de teses e dissertações coletadas na CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações para compreender como está sendo realizada a educação sexual da pessoa surda.

Dos Santos (2015) em “Produção de Material Didático Para a Abordagem de Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs Em Língua Brasileira De Sinais – Libras” produz um material bilíngue, através da LIBRAS, com informações educativas e importantes sobre a prevenção de ISTs, além de durante o trabalho discorrer sobre certas problemáticas importantes para o tema discutido.

Os resultados foram reunidos de forma resumida na tabela abaixo:

Tabela 2 – Tabela referente aos 9 trabalhos estudados

Autor	Título	Ano	Tipo
Beche	A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade	2005	Dissertação de Mestrado
Bento	Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS para o Surdo através da Pesquisa-Ação	2005	Tese de Doutorado

Campos	Concepção da Sexualidade de Estudantes Surdos Usuários de Libras em uma Escola Polo	2015	Dissertação de Mestrado
Guimarães	Representações Sociais sobre a Sexualidade: Um Estudo com Discentes Surdos	2019	Dissertação de Mestrado
Mallman	(Re)Pensando O Uso De Mapas Conceituais: Um Estudo De Caso Com Libras E Signwriting Na Educação Sexual	2009	Dissertação de Mestrado
Muller	Surdez, Gênero E Sexualidade: Um Estudo Sobre O Imaginário Social Em Uma Escola De Ensino Fundamental Bilíngue No Sul Do Brasil	2017	Tese de Doutorado
Ribeiro	SEXUALIDADE E GÊNERO: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial em São Paulo	2011	Tese de Doutorado
Salla	Um estudo de Teses e Dissertações sobre a Educação Sexual da Pessoa com Surdez	2020	Dissertação de Mestrado
Dos Santos	Produção de Material Didático Para a Abordagem de Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs Em Língua Brasileira De Sinais – Libras	2015	Dissertação de Mestrado

Fonte: Produzida pelo autor

DISCUSSÃO

Como mostram os textos, os mais diversos fatores influenciam na formação da sexualidade, assim como interferem na educação sexual dos surdos. No geral os trabalhos citam as barreiras comunicacionais como as principais culpadas pelo agravamento da desinformação, considerando que a educação sexual no Brasil ainda não é bem estruturada. Porém esta desinformação também é causada pelos fatores que influenciam na construção da sexualidade.

A partir da leitura destas pesquisas criamos categorias para agrupar informações em comum entre os trabalhos, em relação aos agentes que influenciam na construção desta sexualidade. As categorias criadas foram: influência da escola, família e religião, amigos, comunidade surda e mídia. Ao fim, discutiremos sobre a questão das barreiras comunicacionais.

A educação sexual é de extrema relevância no contexto escolar, pois é com ela que se desenvolvem os conhecimentos formais necessários e a valorização dos

direitos sexuais e reprodutivos. Devendo assim, ser tratada como algo inerente à vida e à saúde (MALLMAN, 2009).

Sobre a importância da escola do desenvolvimento do estudante, Campos (2015) afirma:

“A escola é o meio de abrir possibilidades outras [...] responsável com todos e todas, independente da orientação sexual que cada um assume. A sexualidade deve provocar mudanças, por meio de novas experiências por todos de maneira ímpar, peculiar, respeitando as peculiaridades de seus atores, sejam eles, estudantes, professores, enfim, de toda a comunidade escolar.”

Assim, a escola que tem o dever de preparar o aluno para se tornar um cidadão, deve desmistificar preconceitos equívocos. E como em casa o processo comunicacional nem sempre é adequado, deixando os sujeitos à margem, é necessário que a escola abra espaço para que isso ocorra, sendo que nela o sujeito surdo deve usufruir o máximo possível de sua língua (CAMPOS, 2015; MULLER, 2017).

O que se observa é que o assunto muitas vezes nem sequer é tratado dentro das escolas, e quando ocorre, é de forma superficial, tocando apenas nos aspectos biológicos e preventivos. Também é importante considerar que a própria escola acaba reproduzindo preconceitos, tratando do assunto sexualidade com pouca ou nenhuma transparência, e ensinando apenas o modelo heterossexual, como algo a ser seguido e idealizado (BECHE, 2005; MULLER, 2017). Assim, de acordo com Mallman (2009): *“O ideal seria que os professores de ciências discutissem temas bem mais abrangentes que apenas a fisiologia dos sistemas genital feminino e masculino”*.

Deve-se levar em consideração que muitos professores vieram de uma cultura tradicional. Assim, ao procurarem ensinar os alunos de uma forma diferente, que não reproduza preconceitos e moldes tradicionais, muitos ficam desamparados, por não possuírem, em sua educação, uma referência para auxiliá-los (BECHE, 2005).

Esta preocupação com a formação dos docentes também aparece no trabalho de Muller (2017), ao comentar que é necessário compreender o imaginário do docente, pensando neles como um todo *“com seus medos, preconceitos, mitos, crenças, afetividade”*, para então ressignificar seus saberes e poder trabalhar em uma melhor formação.

Portanto, para uma educação sexual efetiva, que esclareça questões relacionadas ao sexo, livre de preconceito, é necessário passar por cima dos próprios

tabus que o educador possui (MALLMAN, 2009). Desta forma, “o professor, não é um transmissor e sim um provocador de idéias” (CAMPOS, 2015).

Logo, o professor deve se manter atualizado sobre o assunto, além de conhecer o grupo com qual trabalha, para que assim possa se aproximar de sua realidade e desmistificar paradigmas e preconceitos atuando de forma harmônica, crítica e autônoma, com respeito a todos (CAMPOS, 2015).

Porém, se manter atualizado sobre o assunto, pode ser complicado, principalmente quando nos referimos à questão da sexualidade do jovem surdo. Ribeiro (2011), comenta como as duas principais visões citadas nas produções acadêmicas sobre o assunto acabam se contradizendo:

“Essas duas perspectivas carregam modos distintos de compreender a sexualidade de jovens surdas. De um lado, acredita-se que os aspectos biológicos, instintivos seriam determinantes na sexualidade “aflorada”, fora de controle, expressa em relacionamentos afetivos instáveis. De outro, defende-se que se relacionariam exclusivamente com seus pares, necessariamente surdos, por compartilharem uma língua e uma cultura específicas e fazerem parte de uma comunidade particular.”

A importância de uma ação educativa é evidenciada quando se nota a mudança de discurso sobre assuntos como gravidez, métodos contraceptivos e ISTs, saindo da área de desinformação para a aquisição de novos termos e utilização correta destes (BENTO, 2005). Também, com uma educação efetiva, ocorre a desconstrução de preconceitos, dogmas e tabus, algo reconhecido por Campos (2015) e Muller (2017), sendo comentado por Guimarães (2019), que realça a importância de educadores, psicólogos e profissionais da saúde neste processo.

Assim, são necessários investimentos para uma intervenção educativa efetiva, sendo importante a implementação de uma política pública que transforme esta temática como obrigatória nos currículos escolares, desde as séries iniciais, para que haja formação adequada e reflexões constantes (BENTO, 2005; CAMPOS, 2015).

Sobre os responsáveis pela educação, Guimarães (2019) salienta que para um bom desenvolvimento da sexualidade do sujeito surdo, tanto a escola quanto a família deve ser orientada, para que assim ocorra uma discussão ampla do assunto. Esta intervenção seria capaz de auxiliar tais agentes a desenvolverem maior confiança para lidar com estes assuntos de forma adequada e compreensível (MULLER, 2017).

A família possui forte influência no desenvolvimento da sexualidade do jovem, pois transmite valores de forma direta, ditando muitas vezes o que deve e não deve

ser feito, condenando e culpabilizando determinados atos, como a masturbação e a homossexualidade. Dentro de casa o assunto muitas vezes é tratado de forma complicada, como algo que não é permitido ser conversado ou visto (BECHE, 2005).

É inegável que recai sobre a família o dever de falar sobre sexualidade com os filhos, como apresentado por muitos trabalhos (BENTO, 2005; CAMPOS, 2015; GUIMARÃES, 2019; MULLER, 2017) corroboram esta informação porém esta é muitas vezes carente de tais conhecimentos, sendo também influenciada por traumas, tabus e preconceitos, além do medo de não saber como conversar com os filhos (BENTO, 2005). Além de, às vezes, não saber se comunicar em Libras com os filhos surdos (RIBEIRO, 2011), a família também restringe o assunto a temas de preocupação, como gravidez prematura e ISTs (GUIMARÃES, 2019). A falta de diálogo citada também foi percebida por Campos (2015):

“A educação em sexualidade é uma temática pouco ou nada trabalhada com os adolescentes em sala de aula, ou mesmo no ambiente doméstico e outras instituições até mesmo não formais, pois envolve muitos tabus, preconceitos, equívocos.”

É importante considerar a imposição do oralismo por parte da família, que possui dificuldade em aceitar um filho surdo (BENTO, 2005). Isto, muitas vezes causa o afastamento do surdo no ambiente familiar, como se não fosse integrante da família. Assim, até mesmo neste ambiente a comunicação é realizada de forma superficial (RIBEIRO, 2011).

Outro fator que se mostra presente ainda dentro do contexto familiar é a desigualdade entre gêneros. Este aspecto é citado por Ribeiro (2011), ao mostrar que a maioria das entrevistadas eram mantidas em casa, realizando as tarefas domésticas, para serem mantidas longe de meninos, algo que não era abordado da mesma forma com os irmãos de algumas. Ademais, Guimarães (2019) comenta como certas ações realizadas pelas mulheres, que também são de ocorrência masculina, têm um peso maior na forma como elas são vistas, sendo taxadas mais facilmente como promíscuas. Sobre isso, é pertinente citar a fala de Salla (2020):

“Destaca-se, por fim, que a construção da sexualidade dessas jovens é marcada não só pelo controle e pela tutela do sexo feminino, presente em nossa sociedade, mas pela desigualdade social no seu cruzamento entre gênero e deficiência.”

Também se é perceptível que, mesmo possuindo curiosidade sobre o assunto, inicialmente é complicado dialogar sobre o assunto com os jovens surdos, pois muitos

reproduzem os ensinamentos, muitas vezes permeados de tabus e preconceitos, dados pelos pais (CAMPOS, 2015). Além da falta de conhecimento prévio dos alunos, que muitas vezes, não se consideram aptos para tal discussão (MULLER, 2017).

De acordo com Guimarães (2019) “*a instituição de ensino, os amigos e o(a) namorado(a)*” foram identificadas como as principais fontes de informações sobre sexualidade que o surdo tem (MALLMAN, 2009). Muller (2017), Guimarães (2019) e Campos (2015) corroboram esta informação. Porém, muitas destas informações chegam quebradas, pela falta de comunicação adequada (MULLER, 2017).

Percebe-se que muitas das informações adquiridas e respostas que não são respondidas pela família, advém de colegas e amigos, televisão e revistas (quando possível), porém estas nem sempre são fontes confiáveis, e acabam gerando ainda mais equívocos sobre o assunto. Um exemplo, dado por Beche (2005) é quando Adão viu pela primeira vez a menstruação de sua mãe e achou que ela estava doente, ou quando Eva acreditou por um tempo que beijar engravidava, pois escutou isso de uma colega.

Esta influência é demonstrada nas entrevistas realizadas por Beche (2005), onde Eva comenta como as primeiras informações sobre sexualidade chegaram a ela foram a partir de uma revista pornográfica, mostrada por uma amiga, comentando como ao serem pegadas, foram severamente punidas. Além disso, é válido citar que as curiosidade e as perguntas que Eva tinha e desenvolveu sobre o assunto, não foram respondidas.

Já Adão, outro entrevistado de Beche (2005), relembra que seu primeiro contato com assuntos sexuais foi a partir de amigos que comentaram sobre masturbação e lhe mostraram fotos de mulheres peladas. Ainda sobre a masturbação, Eva comenta que ao sentir prazer com o chuveirinho automaticamente sentiu vergonha, como se aquilo não fosse algo digno.

Um outro fator de influência é a comunidade surda. Porém, o que foi observado por Ribeiro (2011), é a falta de contato com colegas surdos, pois muitos não moram perto ou até mesmo as famílias dos jovens surdos não aceitam visitas ou deixam os filhos visitarem os amigos.

Porém, como mostrado por Muller (2017), a comunidade surda é uma fonte de informações. Sendo que esta é de extrema importância, pois valoriza a cultura surda

e abre um espaço de representatividade para o sujeito, trazendo o sentimento de pertencimento e socialização (GUIMARÃES, 2019).

Até o momento discutimos sobre fatores sociais que influenciam na construção da sexualidade, demonstrando as barreiras presentes neles e como podem afetar a educação sexual. Assim, também é curioso citar a mídia, pois como observado por diversos autores, ela também é um fator que influencia (BECHE, 2005; BENTO, 2005; CAMPOS, 2015; GUIMARÃES, 2019; RIBEIRO, 2011; SALLA, 2020).

As informações advindas da mídia, estão geralmente na forma de língua falada e mesmo havendo a existência de legendas, ainda é observada uma dificuldade com a língua portuguesa por parte dos surdos (GUIMARÃES, 2019).

Além disso, a ausência de intérpretes em programas de TV, a falta de legendas, de acesso a livros e a revistas na internet e de informações detalhadas em função do desconhecimento de LIBRAS pela população geral, acabam gerando desinformação quanto a questões sexuais, ocasionando a perpetuação de mitos e dúvidas não respondidas (SALLA, 2020).

Bento (2005) comenta como a falta de acesso à dados sobre sexualidade, causada pela barreira de linguagem, gera insatisfação, curiosidade, malícia e informações deturpadas nos jovens em questão:

“A harmonização da sexualidade do surdo pode ser dificultada por fatores como a dificuldade no nível de comunicação, curiosidade não satisfeita, perguntas sem respostas, percepção visual acurada, dificuldade em compreender e explicar sentimentos e dificuldades no controle do ambiente.”

Estas barreiras acabam complicando ainda mais o início de uma aquisição de conhecimentos sobre o assunto, principalmente por parte do aluno surdo, pois como Campos (2015) afirma: *“tanto o aluno ouvinte quanto o aluno surdo aprendem sobre sexualidade e gêneros em diversos meios sociais: na mídia, na escola, na família, com amigos, na internet, entre outros.”*

E como a principal forma de comunicação do surdo com os amigos e família é a Língua de Sinais (MALLMAN, 2009), iniciamos a discussão sobre este fator. Sobre a importância da língua no desenvolvimento do ser, Mallman (2009), explicita:

“A linguagem é um sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitida”

Beche (2005) comenta como, por pertencerem a uma minoria linguística, os surdos por muito tempo tiveram sua língua rejeitada. Esta, levou a problemas graves de comunicação, refletidos na dificuldade em dialogar com a família, amigos e até mesmo em ambientes escolares. Eva, uma de suas entrevistadas comenta:

“Usava poucos sinais, com a minha mãe tinha que oralizar, os sinais que usava em casa eram os que nós criamos. Por exemplo: trabalho, comer, falar, próprios de casa. Eram poucos sinais, diferentes dos outros. Com o tempo minhas irmãs casaram e eu me senti perdida. Às vezes a barreira de comunicação dificultava entendimento com minha mãe.”

Sobre a dificuldade de comunicação com a família, Ribeiro (2011), expõe o desconforto que suas entrevistadas sentiam com a dificuldade e resistência no uso de Libras por parte dos familiares, pois acabavam sentindo que estes estavam desinteressados nelas ou até mesmo não gostavam de pessoas surdas. Isso, ainda de acordo com o autor, levou com que as jovens passassem a expressar raiva de sua própria língua, culpabilizando ela pela dificuldade de comunicação existente.

Considerando as barreiras presentes no meio familiar, Ribeiro (2011) elucida a importância da convivência escolar para o desenvolvimento de relações afetivas. Pois muitas vezes este é um dos únicos locais onde o jovem surdo encontra pessoas fluentes em Libras, com quem pode manter um diálogo fluido e de bom aproveitamento, diferentemente do que ocorre ao se comunicar de forma “quebrada” com pessoas não fluentes.

Além disso, Campos (2015) percebeu que as curiosidades para sujeitos surdos surgem em uma idade mais avançada que as perguntas dos ouvintes. Isto, de acordo com o autor, ocorre pois os ouvintes recebem mais informações por via auditiva e por que as informações muitas vezes nem chegam aos surdos, por muitos acreditarem que eles são assexuados. Tudo isso se junta ao fato da falta de uso de LIBRAS e de não existirem sinais.

É importante ressaltar que muitos acreditam que o sujeito surdo possui dificuldade em compreender as coisas da vida, os deixando desprovidos desta forma das discussões necessárias para seu desenvolvimento. Porém, muito desta dificuldade é causada pela falta do uso de Libras na comunicação e educação dada a estes (MULLER, 2017). Esta necessidade é exposta por Beche (2005), que, ao comentar sobre as experiências de vida de seus dois entrevistados, constata que esta

dificuldade levou a uma falta de informação, sendo que Adão apenas começou a compreender as “coisas da vida” quando aprendeu LIBRAS.

Esta questão sobre a visão que as pessoas possuem é levantada por Muller (2017):

“A literatura mostra que as pessoas têm uma visão ambígua sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, pois, para uns, elas são assexuadas, comparada a uma criança, e, para outros, hipersexuadas, mas, desprovida de afeto”

Como apresentado por Bento (2005), os sujeitos surdos costumam ser desinformados ou possuem uma ideia simplista, banhada de tabu e preconceito, sobre os assuntos que circundam a sexualidade. De acordo com ele isso se deve à uma junção de fatores, como cultura, inclusão, escolarização, deficiência e susceptibilidade à falta de informação. Tais desconhecimentos são citados por Campos (2015) como produtos de confusões sobre conceitos e desconhecimento deles, geradas por pouco acesso às explicações científicas:

“Mas muitas vezes, por falta de formação, informação adequada e de vivências de sexualidade, na comunidade, na família e principalmente na escola, os surdos recebem e constroem um conhecimento equivocado, formando assim identidades muitas vezes repletas de contradições, outras não entendidas, não resolvidas, outras destroçadas, que deixam marcas e dores.”

Assim, é necessária uma educação que não apenas procure desmistificar tais preconceitos, mas também o faça em Libras. Por exemplo, o uso de recursos educativos que correspondem à realidade e linguagem dos sujeitos notavelmente auxiliam no aprendizado. Como demonstrado por Mallman (2009) o mapa conceitual com uso de Libras e signwriting *“mostrou que os sujeitos conseguiram identificar os aspectos mais importantes que envolvem a sexualidade na adolescência através de sua própria língua.”*

Porém, como Muller (2017) demonstra, mesmo que a Libras seja vista com extrema importância no processo de aprendizagem do jovem surdo, ela ainda é pouco utilizada ou se restringe muito ao grupo de pessoas surdas. Além disso, algumas escolas possuem uma metodologia oralista, que prejudica o aprendizado de LIBRAS por parte dos alunos surdos. Isto pode causar um aumento do déficit de aprendizado, já que nem mesmo a sua própria língua é desenvolvida de maneira correta no ambiente escolar. Este desuso pode gerar uma *“defasagem de conhecimento frente à maioria ouvinte”* (BENTO, 2005).

Sobre as dificuldades de comunicação na escola, Adão, outro entrevistado de Beche (2005), fala:

“Só aprendia partes do corpo, palavras, nomes das partes do corpo e fazia, refazia aquilo todos os dias, treino. A professora saía da sala e eu e outros só copiavam, recorte, colagem. Trabalho no espelho. Na sala de recursos fazia terapia de fala. LIBRAS nada. De primeira a quinta série eu só copiava, procurava as palavras que conhecia e copiava!”

Esse déficit de comunicação é diminuído com a presença de um intérprete de libras na escola. Campos (2015) demonstra o valor no desenvolvimento de significados e como a chegada destes até o sujeito surdo o auxilia a se tornar independente e dono de sua trajetória, além disso chama atenção para o uso de LIBRAS desde a infância, pois é nela que os conceitos objetivos e subjetivos se iniciam.

Sobre a necessidade de bons intérpretes dentro de sala de aula, Dos Santos (2015) fala:

“A maioria dos intérpretes de LIBRAS só tem a formação no nível de ensino médio, o que pode comprometer na tradução e na interpretação de uma consulta, diante do desconhecimento de terminologias específicas. Alguns erros, provavelmente não intencionais na tradução e interpretação, como também ausência de imparcialidade e/ou na velocidade das mãos (língua viso-espacial) podem interferir e comprometer a saúde da mulher surda.”

Percebe-se que a presença de um intérprete dentro de sala de aula auxilia com que a barreira da linguagem seja quebrada, porém, como exposto por Campos, 2015; Guimarães, 2019; Muller, 2017 e Dos Santos, 2015; há outra barreira linguística: a falta de sinais.

Sobre este déficit, que dificulta a ação de para atrelar palavras como “gênero”, “sexo”, “desejo”, “namoro”, “DST’s”, “diversidade” à ideia de sexualidade (que em si não possui um sinal) por exemplo, Campos (2015) comenta:

“Sendo assim, há uma linha muito tênue que irá separar o não conhecimento sobre o termo que os ouvintes têm devido à falta de educação sexual com profissionais especializados, do desconhecimento total do significado, devida a não existência de um sinal que circule entre os jovens, de um signo linguístico nunca visto mesmo em meios informais, entre os jovens, mídias e os meios que possam atingi-los de modo direto ou indireto.”

Outro fator é a questão de muitos intérpretes de Libras possuírem apenas o ensino médio completo, o que pode comprometer a passagem de informação, gerando erros não intencionais na interpretação, falta de imparcialidade e demora da

tradução, já que muitas informações específicas podem ser desconhecidas (DOS SANTOS, 2015).

Por isso, além do professor e do intérprete, é necessário que os profissionais sejam capacitados e tenham uma formação continuada, para que possam passar as informações da forma mais educativa possível, sem preconceitos atrelados (CAMPOS, 2015). Outra barreira, citada por Guimarães (2019) é a da insuficiência de materiais educativos sobre a sexualidade direcionados para o público surdo.

Todo o quesito de uma educação de qualidade, que esclareça as dúvidas e ensine de forma adequada e contextualizada os conceitos e ideias necessárias, deve levar em consideração o uso de Libras, não ignorando a cultura surda (MALLMAN, 2009). Isso é corroborado na pesquisa de Muller (2017), que comenta a necessidade do uso de Libras para a compreensão completa e interações de qualidade com os assuntos tratados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade se dá em todos os aspectos da vida da pessoa, desde o seu nascimento até a sua morte, portanto a maneira como o sujeito interage com o mundo durante todo este tempo é de extrema importância para o desenvolvimento desta. Porém, um fator importante neste processo é a educação sexual, para que haja uma melhor compreensão de maneira formal sobre os aspectos que circundam esse espectro.

Além disso, a educação sexual se mostra como forma de desenvolver respeito pelas diferenças que encontramos ao longo da vida. Portanto, se esta não se dá de maneira correta, muitos preconceitos, mitos e tabus desenvolvidos serão perpetuados, afetando não somente o desenvolvimento individual da pessoa, mas também os outros à sua volta.

O objetivo deste trabalho foi compreender como se dá a educação sexual e afetiva de sujeitos surdos, considerando a barreira comunicacional que lhe é habitual. O que podemos observar é que, assim como a maioria dos jovens, os surdos recebem muitas informações advindas de amigos, família, mídia e da escola. Porém, diferente dos ouvintes, estas informações nem sempre chegam a eles de forma completa, seja

por dificuldade com português, falta de legendas ou de intérprete, questões familiares, ou até escolares.

Porém, o que há de comum em todos estes fatores e que acaba gerando estas informações cortadas é a falta de comunicação correta, ou seja, o uso de Libras. Como citado no início do trabalho, conhecer a língua e fazer uso dela é de extrema importância para o desenvolvimento de um jovem, pois é a partir dela que ele irá interagir com o mundo. Assim, se este processo não for realizado, e uma barreira for criada sobre ele, o sujeito apresentará dificuldades de interação e aprendizado, já que o processo da educação leva em consideração a compreensão de símbolos e significados, que muitas vezes são desenvolvidos a partir destas interações inicialmente comentadas.

Como muitas das informações que são recebidas de amigos, mídia e família não possuem o propósito de serem educativas e gerarem discussão, cabe à escola realizar este processo de desmistificação sobre o assunto. Porém é inegável que até mesmo o ambiente escolar acaba reproduzindo certos aspectos preconceituosos. Então, entra a necessidade de professores constantemente formados sobre o assunto, que se mantenham atualizados e em contato com a realidade dos alunos, para que esta passagem de conhecimento seja realizada da forma mais pedagógica possível. Além disso são necessário intérpretes bem formados, que possam passar ao aluno todas as informações necessárias para que esse ensino ocorra.

A partir da pesquisa, foi possível observar que não há muitos trabalhos sobre o assunto, ou seja, é uma área que ainda precisa de pesquisas mais profundas e complexas. Porém, com o que foi analisado, é inegável a necessidade de uma melhor aplicação da Libras nas escolas e no ambiente familiar, além de melhores projetos para desenvolvimento de acessibilidade e representatividade dos surdos.

Conclui-se que a educação sexual dos jovens surdos tem se dado a partir de informações quebradas adquiridas pelos mais diversos meios: mídia, família, amigos e escola. E que, a maior problemática por trás disso é a falta de acessibilidade à informação, ou até mesmo à comunicação com outros, causada pelo desuso da Libras. Além disso, percebe-se que ainda há muito a ser pesquisado e desmistificado sobre o assunto, mas também que é urgente a necessidade da implementação de Libras, não apenas na educação dos sujeitos surdos, mas também na educação do

público em geral. É apenas desta maneira que podemos realmente alcançar uma inclusão, diminuindo a barreira criada pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BECHE, R. C. E. **A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. 2005

BENTO, I. C. B. **Educação preventiva em sexualidade, IST/AIDS do surdo através da pesquisa-ação**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2005.

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm> Acesso em 16 mar. 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Ensino Fundamental. Base Nacional Comum Curricular. Brasília. 2018.

CAMPOS, M. F. A. **Concepção da sexualidade de estudantes surdos usuários de libras em uma escola polo**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2015.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY M.; DA SILVA L. B. Iniciação Sexual dos Jovens. In: _____. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 29, n. 103, p. 477-492, Aug. 2008 . Available from <[24](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-</p></div><div data-bbox=)

73302008000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Mar. 2021.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008000200009>.

DIZEU, L. C. T. de B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 26, n. 91, p. 583-597, Aug. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200014&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Apr. 2021.
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200014>.

DOS SANTOS, T. M. **Produção de material didático para a abordagem de infecções sexualmente transmissíveis–ists em língua brasileira de sinais-libras**. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2015.

FIGUEIRA, E. **O que é educação inclusiva**. Brasiliense, 2017.

FIGUEIREDO, M. M. F. **A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS – o papel da escola: estudo de dois casos**. Projeto apresentado para a obtenção de Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Necessidades Educativas Especiais – Domínio Cognitivo e Motor, Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa, Portugal. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

GONÇALVES, H. B. e FESTA P. S. V. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Ensaio Pedagógico**, n.5, p.1-13, 2013.

GUARINELLO, A. C., BERBERIAN A. P., SANTANA A. P., MASSI G., DE PAULA M. "A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná." **Revista Brasileira de Educação Especial** 12, no. 3 (2006): 317-330.

GUIMARÃES, V. M. A. **Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos**. Dissertação Mestrado em Psicologia - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T.. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 43, p. 205-224, Mar. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100014>.

KINECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

MALLMAN, L. **Pensando o uso de mapas conceituais: um estudo de caso com Libras e SignWriting na educação sexual**. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemáticas (PPGECIM) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2009.

MOREIRA, M. C.; MAIA, A. C. B.; JACINTO, H. F. A. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e Educação On-Line 3**, no. 1, 2020, p.47-54.

MULLER, M. B. C. **Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no Sul do Brasil**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade La Salle – UNILASALLE, 2017.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes**. 2013. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

OLIVEIRA, J. S. de. **A comunidade surda: perfil, barreiras e caminhos promissores no processo de ensino-aprendizagem em matemática**. Tese de Mestrado, CEFET-RJ, 2005.

OLIVEIRA M. J. D., "A formação do professor e a inclusão educativa: uma reflexão centrada no aluno surdo." **Revista Educação Especial** 26 (2005): 1-5.

RIBEIRO, K. **Sexualidade e gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.48.2011.tde-06072011-102643. Acesso em: 2021-04-02.

SALLA, L. C. **Um estudo de teses e dissertações sobre a educação sexual da pessoa com surdez**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, 2020.

SALLES, A. C. T. C.; CECCARELLI, P. R. "A invenção da sexualidade." **Reverso** 32, no. 60 (2010): p.15-24.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 28, n. 1, p. 107-116, June 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100008>.

VITIELLO, N. A Educação Sexual Necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 6, n. 1, 15 dez. 2020.